

CARTAS E OPINIÕES

E-mail: cartasdoleitor@gazetamercantil.com.br ou fax 11 2126-5329

Classes de renda e o espelho dos EUA

Sobre o artigo de Augusto Nunes "Contra a pobreza e a miséria, tome pesquisa" (15/08, pág. A10), embora o texto esteja bem motivado e redigido, ele sugere algumas interpretações que estão em desacordo com os dados públicos. Se os dados são públicos, isto significa que qualquer um pode processá-los e analisá-los. O artigo sugere que não há crescimento da classe média, pois o critério de classificação da renda da mesma seria baixo. Há confusão entre a fotografia da sociedade e o seu movimento (filme). Antes de entrar na classificação, vamos ao aumento da classe média: a parcela da Classe C subiu 22,8% de abril de 2004 a abril de 2008, neste mesmo período a nossa Classe A/B subiu 33,6%. Portanto, para quem acha a classe média mais rica que a nossa classe C (o ponto dele), a conclusão que a classe média cresceu não é afetada, pelo contrário. Outros indicadores mostram a ocorrência de um "boom" na classe média: compras de casa, carro, computador, crédito e carteira de trabalho estão todos nos seus níveis recordes históricos.

A nossa classe C, que é o objeto central de estudo do nosso trabalho "A Nova Classe Média", aufere em média a renda média inicial da sociedade, ou seja, é classe média no sentido estatístico. A classe C é a imagem mais próxima da média da sociedade brasileira. Dada a alta desigualdade, a renda média brasileira é alta em relação aos estratos inferiores da distribuição (por exemplo, a mediana de renda). Na comparação com o resto do mundo: 80% das pessoas

no mundo vivem em países com níveis de renda per capita menores que o brasileiro. Portanto na comparação internacional, assim como na interna a nossa renda média, a classe média não é baixa. O estudo mais recente sobre classe média mundial da Goldman Sachs ("The Expanding Middle") gera parâmetros próximos de classificação similares a nossa classe C, vulga nova classe média: R\$ 859 a R\$ 4.296 deles contra R\$ 1.064 a R\$ 4.591 nosso, ambos expressos em reais da Grande São Paulo de hoje. Alguns olham para

a nossa classe C e a enxergam como média baixa e para a nossa classe B e a enxergam como classe média alta. Não tenho nada contra, não somos os EUA, mas este também é um país livre. O mais importante é ter um critério consistente definido ao longo do tempo. De toda forma, aquele pertencente a nossa classe A que se julga classe média, procure as palavras "Made in USA" atrás de seu espelho.

Marcelo Neri, economista-chefe do Centro de Políticas Sociais do Ibre e da EPGE - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro